

A ética

do

vácuo



Ética, Jornalismo e Nova Mídia – Uma Moral Provisória, de Caio Túlio Costa, São Paulo, Zahar, 2009, 288 p.

GILSON SCHWARTZ é professor do Departamento de Cinema, Rádio e TV da ECA-USP.

Sylvia Moretzsohn é professora de jornalismo no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em resenha ao livro de Caio Túlio Costa, *Ética, Jornalismo e Nova Mídia –*

Uma Moral Provisória, publicado a partir do doutoramento na ECA-USP (de cuja banca de qualificação fui integrante, cumpre desde logo informar), a professora de jornalismo coloca a contribuição de Caio Túlio na berlinda ou, ao menos, arma uma ofensiva crítica ao apontar no trabalho um viés desqualificado para o relativismo moral, a doença infantil da pós-modernidade*.

Falar do livro de Caio Túlio Costa é também uma oportunidade para levar em conta essa crítica, avaliar portanto

* Ver <http://www.revista.pesquisa.fapesp.br/?art=5659&bd=3&pg=1&lg> (acessado em 24/11/2009).

não apenas o livro mas seu efeito na esfera pública. Ser fiel ao livro, aliás, é colocar o comentário do livro em pé de igualdade com a fortuna crítica que a obra venha a ter o dom de mobilizar e sensibilizar.

Para Moretzsohn, a tese de doutorado oferece mais perguntas do que respostas. Minha divergência com relação a esse veredito crítico é quiçá de nuance: creio que o principal mérito do trabalho de Caio Túlio é indicar de modo extremamente didático a competência investigativa, ou seja, a habilidade para questionar, perguntar, que faz do compromisso moral algo tão pertinente para a prática jornalística.

Não se trata de encontrar a Verdade ou o panteão (mesmo que moderno e até marxista) de ideais e valores em nome dos quais julgar, enquadrar ou ensinar jornalismo. O mergulho moral não é “a moral” da história, mas é a história das inquietações humanas, em especial aquelas que ganham expressão literária e, de algum modo, convertem-se em informação, moda, opinião, preconceito ou hábito, convenção. Só a imoralidade é moral.

Ou melhor, como prefere Caio Túlio Costa, em compromisso pragmático alcançado após décadas de trabalho em algumas das principais redações de jornais e portais de internet do Brasil, alcançamos felizmente uma “moral provisória”, em que se pode afinal de contas muito frequentemente encontrar interstícios por meio dos quais a imoralidade é apenas um estado sempre questionável e, portanto, logicamente provisório, no tempo e no espaço.

É interessante justamente inverter a chave de leitura da professora Moretzsohn, por exemplo quando ela aponta no título de sua resenha que o livro se perde “no vácuo da ética”. O território é conhecido das redações: a internet provoca uma revolução da informação que abala estruturalmente a função do jornal como referência da opinião pública, vítima da própria horizontalização do espaço público nas redes. Perde-se a âncora da ética jornalística, que fica na sinuca, na berlinda.

Como professora de jornalismo, Moretzsohn contrapõe ao trabalho de aproximação



entre jornalismo e “vácuo ético” proposto a necessidade de recorrer aos teóricos e formuladores de uma espécie de ciência do jornalismo, que deteriam um cabedal de parâmetros em que a objetividade não é um polo antitético à dúvida e à interpretação, apenas uma oportunidade para o exercício do bom senso ou algum outro parâmetro que se possa tomar como dotado de objetividade científica (que, ela insiste, não é dogma, como supostamente Caio Túlio Costa denunciaria).

A situação é curiosa – uma acadêmica condenando o trabalho de um dos mais experimentados jornalistas de novas mídias no Brasil e mesmo no mundo que, lançando mão de erudição literária e referências interdisciplinares, constrói uma reflexão madura e autocrítica sobre a própria impossibilidade de morais ou “parâmetros” permanentes no mundo da objetividade digital e empresarial contemporâneo.

É como se a Academia condenasse o Trabalho por fazer-se também trabalho de reflexão, autocrítica e pedagogia do perguntar. Ora, esses seriam justamente os valores mais altos da própria academia. A irreverência frente aos estudos especializados “desde os anos 40 do século passado”. Ora, a produção do texto jornalístico, como a produção de um texto literário, ignora solenemente o que a academia andou teorizando nos últimos 50 ou 70 anos sobre objetividade no jornalismo – o que o empreendedor, trabalhador e pensador do jornalismo digital está a nos mostrar é que se vivem paradoxos éticos na produção da notícia que possuem, com certos dilemas morais revelados desde a Antiguidade (e não da década de 40 do século passado), um elevadíssimo grau de parentesco.

A pedagogia do perguntar, que aproxima o jornalista tanto do artista quanto do cientista, é a condição humana de quem procura sínteses entre *vita activa* e *vita contemplativa*. No entanto, creio que a universidade, em especial as escolas de jornalismo, cometeriam grave erro se em meio ao caos pós-moderno da informação “desbussolada” pretendessem

erguer-se sobre a névoa ética da civilização letrada como âncoras ou avatares que afinal nos permitissem “discutir ética, mas com parâmetros em que se basear”.

Aprender a perguntar não é o mesmo que aprender a seguir parâmetros. Portanto a discussão ética, no jornalismo como em qualquer campo onde está em jogo a representação (na arte, no jornalismo ou na ciência), consiste mais em educar-se para duvidar dos parâmetros existentes do que ficar rodando em falso, em busca da melhor adequação a um dado parâmetro sobre a melhor prática jornalística.

Que essa conclusão de saudável e criativo ceticismo frente aos parâmetros do “bom jornal” seja apresentada como mais um episódio da série de “representações de representações” com que se constrói o teatro da civilidade, ainda por cima vindo de um ex-executivo que atravessou inúmeras situações de provisoriedade ética – eis um conjunto de resultados que a academia deveria aplaudir, em vez de sentir tanta falta da bibliografia específica ou de uma suposta cientificidade com que se poderia debater parâmetros numa crise ética.

Mais que dedicar-se a caracterizar o jornalismo como uma atividade que prospera “no vácuo da ética”, Caio Túlio Costa aponta para os equipamentos culturais indispensáveis para praticar, diariamente, em cada redação, a ética do vácuo, ou seja, a solução de problemas de assimetria de informação arbitrando sempre uma linha de corte para a inteligibilidade da “notícia”. Pensar e praticar a ética do vácuo é conceber o universo da notícia como uma tábula rasa que a cada dia caberá a um editor reparametrizar.

A moral possível é tão provisória quanto a temporalidade que marca a produção da própria notícia. A visão pós-moderna de Caio Túlio Costa não se reduz a um surrado “tudo é relativo”, mas à constatação ética fundamental a partir da qual a própria comunicação humana é possível e necessária, ainda que criando véus sucessivos de representação: tudo é provisório, mesmo que seja temporariamente absoluto ou ocasionalmente nos sirva de parâmetro. Essa é a ética do vácuo.